

Thiago Gruner¹ (thiagogruner@gmail.com)
Prof^a Dra. Kathrin H. Rosenfield

1. INTRODUÇÃO

Se aceitamos que “representar é tornar presente o ausente” (DEBRAY, 1992; WOLFF, 2005), tem-se que autorrepresentar é tornar a si mesmo presente, uma vez ausente. É trazer à tona algo que substitua a própria identidade que se ausenta, ocupando-a (GOMBRICH, 1999).

É comum que a autorrepresentação ocorra pelas mãos dos artistas plásticos e figurativos, nas artes que Nietzsche chamou de *apolíneas*. Ocorreria o mesmo nas artes não-figurativas (ou *dionisíacas*) como a música e a dança? E o que dizer no caso de uma arte equilibradamente mista entre apolíneo e dionisíaco, como a tragédia? Poderiam elas também serem meios de se autorrepresentar?

2. HIPÓTESE

Nietzsche aponta como marca característica das artes dionisíacas o *êxtase* – causado sobretudo pela música. Haveria autorrepresentação nas artes dionisíacas e na tragédia (pelo coro) na medida em que a *saída de si* do êxtase possibilitaria ao sujeito (autor) *ausentar-se de si* para representar-se como algo outro (objeto artístico).

3. PALAVRAS-CHAVE

Autoria – Identidade – Música – Tragédia.

3. OBJETIVO

Investigar se, em *O nascimento da tragédia*, as artes dionisíacas, além da tragédia, podem ser interpretadas como artes capazes de autorrepresentação.

4. JUSTIFICATIVA

Acomodar a questão da autoria artística, em Nietzsche, em seu projeto metafísico maior de recusa da subjetividade em prol de forças vitais como a Vontade.

5. RESULTADOS

Por um lado ficou claro que a música (absoluta) não poderia ser uma representante do homem em razão de sua falta de referência a qualquer coisa no mundo. Mas, por outro, a figura do herói trágico surgiu como possível autorrepresentação artística e substituto simbólico do homem.

Porém, a refutação do próprio Nietzsche à toda subjetividade artística, ou *problema da autoria*, força-nos a concluir pela impossibilidade da autorrepresentação em *O nascimento da tragédia*. Para Nietzsche, quem realmente está no controle do mundo é a *Vontade*, espécie de força universal primordial. É com isso em vista que ele declara que “tampouco somos os efetivos criadores desse mundo da arte” (NT, 1992, p.97) e que “a subjetividade, no sentido dos estetas, é uma ilusão” (ibid., p.44).

Ora, se não houver autor que se represente, então a autorrepresentação sequer será possível - de tal modo que não só as artes dionisíacas, mas também as apolíneas devem ser descartadas como artes autorrepresentativas em *O nascimento da tragédia*.

Seguindo a letra nietzschiana, só poderíamos falar com alguma propriedade de autorrepresentação se considerássemos a arte como uma representação da Vontade pela própria Vontade – e não dos gregos pelos gregos, como suposto em hipótese.



6. REFERÊNCIAS

- GOMBRICH, Ernst. *Meditações sobre um cavaleiro de pau ou as raízes da forma artística*. São Paulo: Edusp, 1999.
DODDS, E. *Los griegos y lo irracional*. Madri: Revista de occidente, 1960.
NIETZSCHE, Friedrich. *A visão dionisíaca de mundo*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
_____. *O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
RIDLEY, Aaron. *Routledge Philosophy Guidebook to Nietzsche on Art*. Abingdon: Routledge, 2007. p. 9-33.
YOUNG, Julian. *Nietzsche's Philosophy of Art*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992. p. 5-57.

¹ Graduando em Filosofia e bolsista do Programa Nacional de Cooperação Acadêmica (PROCAD) do CAPES, que financia a pesquisa cujos resultados são aqui apresentados.